

Cartas etnográficas de um guardião do Oco do mundo: o peregrino como uma linha de viagem¹

Luan Gomes dos Santos de Oliveira

Antropólogo, Dr. em Educação. Universidade Federal de Campina Grande -UFCCG

luangomessantos@terra.com.br

Resumo:

As pegadas dos dinossauros, enquanto cartas de histórias da natureza (INGOLD, 2015) e as histórias narradas por Robson Marques, o Velho do Rio, guardião do Vale dos dinossauros, em Sousa/PB, constituem a base de referência dessa pesquisa, desdobrada desde a graduação em Ciências Sociais/Antropologia (UFRN) até o doutorado em Educação (UFRN) defendida em fevereiro de 2019. A vida e as ideias de Robson Marques compõem-se na multiplicidade de um intelectual da tradição que se assume como um guardião de histórias, desde 1975. Ele narra a história das pegadas dos dinossauros sob um viés de uma narrativa mítica herdada de seu avô Anísio Fausto da Silva – um tropeiro, um viajante, auxiliada pelo saber científico da Paleontologia e do diálogo com o Paleontólogo Giuseppe Leonardi. Seu trabalho é uma combinação de pesquisador, especialista em linguagem simbólica, narrador de histórias, interlocutor do absoluto e viajante do tempo. O modo de pensar e de viver do Velho do Rio expressou uma compreensão tecida em quatro linhas vitais entrelaçadas: O vale dos dinossauros; o sítio Jangada; a cidade de Sousa/PB e o Rio do Peixe. O método epistolar foi o artifício para a construção de uma etnografia antropológica, em que foram escritas sete cartas, orientadas por horizontes temáticos: a politização do pensamento e a emergência de um intelectual da tradição; a relação entre espiritualidade, artes e ciência; e a interface educação e antropológica como antídotos contra o utilitarismo das ciências. Os caminhos tecidos na tese compuseram o que denomino de Oco do mundo, como uma expressão que compreendo como movimento de perambulação (INGOLD, 2015) eco do Pensamento do Sul (MORIN, 2010) enquanto reserva antropológica (ALMEIDA, 2017), um lugar de gestação da Terra-Pátria, que se coloca como um convite a peregrinar (INGOLD, 2015) nos entornos do mundo narrado e vivido. Os principais autores com quem estabeleci interlocução foram: Maria da Conceição de Almeida, Edgar Morin, Clarissa Pinkola Estés, Francisco Lucas da Silva, Teresa Vergani, Norval Baitello Jr., Daniel Munduruku, Walter Benjamin, Nuccio Ordine, Karl Marx, Claude Lévi-Strauss e Michel Serres. A lição de Robson Marques é a de que a Educação para a vida deve levar em consideração o ensino da condição humana, apostando no imperativo ético: “ESPERAR NÃO CANSA, CANSA É NÃO ESPERAR NUNCA”.

Palavras-Chave: Oco do mundo; Peregrinar; Cartas etnográficas.

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

Introdução

No fundo os livros são acidentes; as cartas, acontecimentos: daí sua soberania. E.M. Cioran, Manie épistolaire

No ano de 2013 fui morar em Sousa/PB, cidade do alto sertão paraibano, por motivações de trabalho. Ao chegar na cidade, arrumei as minhas malas no apartamento e decidi que passaria a semana conhecendo os lugares da cidade sorriso. Um dos pontos que eu não poderia deixar de visitar era o Vale dos Dinossauros, sítio arqueológico, que dista aproximadamente 8km da cidade. Na entrada do Vale sou acolhido por um senhor de 73 anos de idade, chamado Robson Marques, figura icônica, conhecido como um guardião do vale dos dinossauros. Algo me chamou a atenção quando escutei atentamente o velho sábio narrar as histórias em torno das pegadas dos dinossauros, com um entusiasmo ele se autodenominava de velho do rio, por causa do rio do peixe, que corta a cidade de Sousa e o Vale dos dinossauros. Após realizar um projeto de extensão sobre as histórias e memórias desse mestre, compreendi que o mesmo pode ser situado no interior de uma cartografia, que composta por cinco lugares que configuram o seu modo de pensar a vida e o mundo. Os cinco lugares são: a cidade de Sousa, o Vale dos dinossauros, o rio do peixe, a universidade (UFCG), o sítio Jangada.

Robson Marques, há quarenta anos é guardião do vale dos dinossauros, sua vida é dedicada a tornar pública a história dos dinossauros para Sousa/PB e para o mundo. Todos os dias às 06:00h da manhã ele toma a sua bicicleta monark, dá um beijo na sua companheira dona Creuza, de 74 anos e sai em direção ao Vale dos dinossauros. Ao chegar no Vale, esse homem de uma elevada estatura e de uma barba comprida e branca, com voz branda e olhar sereno, atende a todos os que visitam o monumento histórico.

O rio do peixe atravessa a cidade de Sousa/PB e corta o lugar misterioso onde se encontram as pegadas fossilizadas dos dinossauros que viveram ali muito antes da humanidade existir. Para Robson, esse rio é um lugar de contemplação da sua infância, de encontros de amores e de amizades, de assombro e mistério. Para ele, mesmo com os

períodos de seca, o rio resiste porque é uma história a se contar. Ele e o rio se sentem irmanados, e mantém uma relação de respeito. Pude observar esses dois lugares já descritos com a companhia do Robson, caminhando com ele por esses lugares ao sol do sertão.

O terceiro ponto em que habita Robson é cidade de Sousa, esse lugar de admiração e de louvação pela Paraíba, é nas calçadas dessa cidade que ele encontra a matérias de suas poesias. É nesse lugar que ele se posiciona politicamente por meio de sua poesia crítica, de suas crônicas que falam da vida do povo sousense e dos problemas do sertão.

O quarto ponto que reflete na história de vida do sábio é o sítio jangada, uma comunidade rural que fica localizada nas proximidades do Vale dos dinossauros, ali Robson viveu a sua infância e juventude com a sua família recém-chegada de Florânia/RN. Recordo que na ida ao sítio jangada ele me contou dos seus ancestrais, das histórias de seus avós, de como começou a escrever poesia, e de como o seu avô descobriu as pegadas dos dinossauros, hoje reconhecidas no mundo.

O quinto e último ponto de nossa parada foi a Universidade de Campina Grande, eu e uma turma de aproximadamente trinta alunos, do grupo de estudos Edgar Morin, escutamos a tarde inteira Robson falar do Vale dos dinossauros e de que a partir disso, compreendíamos a relevância de relacionar saberes científicos e saberes da tradição.

Após ter apresentado as narrativas dos lugares que compõem a noosfera do Velho do Rio, vale ressaltar que esses lugares se interpenetram, dialogam entre si, mantêm distinções e possibilitam a emergência do oco do mundo.

[...] um operador cognitivo que poderia restaurar o singular, o concreto, a dialógica global-local; expressão de valores como solidariedade, honra, hospitalidade, esperança no improvável e aspiração à harmonia; recusa a um universal abstrato e aos mitos do desenvolvimento e do progresso sem limites (ALMEIDA, 2011, p. 114).

O oco do mundo é lugar dos andarilhos, como professa o poeta Manoel de Barros em “o livro das pré-coisas (2007)”, aparentemente um nada, um vazio, que está preñado de criatividade, de uma esperança em um mundo que inclua outros saberes,

cosmologias e espiritualidades. E isso também é algo percebido em *A hora da estrela* com Clarice Lispector,

Estou esquentando o corpo para iniciar, esfregando as mãos uma na outra para ter coragem. Agora me lembrei de que houve um tempo em que para me esquentar o espírito eu rezava: o movimento é espírito. A reza era um meio de mudamente e escondido de todos atingir-me a mim mesmo. Quando rezava conseguia um oco de alma – e esse oco é o tudo que posso eu jamais ter. Mais do que isso, nada. Mas o vazio tem o valor e a semelhança do pleno. Um meio de obter é não procurar, um meio de ter é o de não pedir e somente acreditar que o silêncio que eu creio em mim é resposta a meu – a meu mistério (LISPECTOR, 1998, p. 14).

O oco do mundo é e não é um lugar físico! Não é um espaço definido conceitualmente, ou estático, mas sua dinâmica é semelhante a uma espécie de nomadismo no espírito, e isso é presente no modo de pensar do Velho do Rio que pode ser apreendido no mesmo registro daquilo que Almeida chama de pensamento nômade.

[...] sem boias e salvo-condutos o pensador nômade navega entre as duas margens de um rio, sem ver mais o porto de onde saiu nem, ainda, a margem de chegada. Dois pensamentos, entretanto, o movem e são suficientes para manter o ritmo de sua trajetória errante. De uma parte, a obstinação em construir um mundo mais justo, uma humana ciência, criativa, amorosa; de outra parte, a convicção de que, sem riscos, ousadias e desconfortos pessoais não pisaremos, jamais, novos territórios (ALMEIDA, 2017b, p. 184).

O oco do mundo é movido por nomadismos, em que os sujeitos, seus habitantes, são como cartas, por vezes vão ao encontro de alguém sem saber como serão recebidas e podem até não ser compreendidas. Por vezes, ficam parados nas estações e ainda podem ser extraviadas, errando o destino. Assim, os sujeitos do oco do mundo são sujeitos da “diáspora”, viajantes que carregam saudades, esperança e esquecimento e que peregrinam em busca de um mundo melhor, mais justo e solidário. Sendo assim, as cartas etnográficas em torno do pensamento desse filósofo do oco do mundo expressam um movimento de perambulação entre os lugares nômades, transitórios, logo,

Quando a carta cai na casa do filósofo, é como se ela também descesse um nível, da rua para a casa. E quando a pega e a leva até a sala de estar (em vez, de digamos, a cozinha), cai um nível ainda. Embora, na realidade, a carta chegue às suas mãos por ter sido transmitida ao longo do percurso, tais como a caixa de correio, o departamento de

classificação e assim por diante, têm-se a impressão de que ela “desceu” a ele através de um refinamento progressivo da escala espacial, de todos os lugares para algum lugar, ou do espaço para o lugar. Abrindo a carta em sua sala de estar, ele pode fazer uma pausa para refletir sobre como os conceitos de “vida” e de “sala” vieram a ser conjugados na denominação desta área de sua casa. No vernáculo inglês a palavra “sala”, neste contexto, significa simplesmente uma parte interior do edifício cercada por paredes, piso e teto. E “vida” abrange um conjunto de atividades internas comuns que seriam realizadas pelos ocupantes desta sala partícula. Mas, como Kenneth Olwig apontou, quando os termos “vida” e “sala” são unidos em alemão, eles produzem um conceito totalmente diferente, qual seja o de *lebensraum* (2002: 3). Aqui, o significado de vida aproxima-se do que Martin Heidegger identificou como o sentido fundamental do habitar: não a ocupação de um mundo já construído, mas o processo mesmo de habitar a Terra. A vida, neste sentido, é vivida ao ar livre, em vez de estar contida dentro das estruturas do ambiente construído (HEIDEGGER, 1971). Por conseguinte, também a “sala” de *lebensraum* não é uma clausura, mas uma abertura que permite crescimento e movimento. Não tem paredes, apenas os horizontes progressivamente revelados ao viajante conforme ele passa ao longo de uma trilha; nenhum piso, apenas o chão sob os seus pés; nenhum teto, apenas o céu arqueando acima (INGOLD, 2015, p. 216-217).

As cartas, não são apenas textos escritos, são também linhas que se movem em diversas direções e mobilizam o modo de pensar e de viver do viajante. Nessas cartas, pude viajar pelo modo de pensar do guardião, que se apresentava como modos de habitar em linhas, que inaugura um modo inteiramente novo e antigo de viver: o peregrinar, uma característica intrínseca de diversas tradições do pensamento antropológico. Com o guardião aprendi a ser um antropólogo que se põe a caminho, lendo as cartas da natureza, por meio da relação entre narrativa e vida, escutando os ecos de histórias narradas no movimento entre as linhas, percorridas na contação de histórias, isto é,

Trilhando o caminho de um lugar a outro na companhia de outros mais experientes do que eles, e ouvindo suas histórias, os novatos aprendem a conectar os eventos e experiências das suas vidas passadas no processo de fiar a sua. Mas, ao contrário do crochê ou do tricô, o fio que está sendo fiado agora e o fio tomado do passado são ambos o mesmo fio. Não há nenhum ponto em que a história termine e a vida comece. E na história, como na vida, é no movimento de lugar a lugar – ou de tópicos a tópicos – que o conhecimento é integrado (INGOLD, 2015, p. 236)

Por isso, o caminhar com os ouvidos no chão permite compreender de maneira mais ampla a reconstituição de um modo de pensar integral, multidimensional,

entrelaçado nas dinâmicas de saberes e experiências. Enquanto antropólogo, exigiu que eu performasse uma escuta sensível aliada a arte de perambular entre os espaços e os lugares, no modo de habitar.

Seguindo as linhas das cartas da natureza: na escuta dos ecos do oco do mundo

Me mudei novamente, e de certa forma, Robson ficou distante de mim. Eu passei a morar um tempo em Natal, RN. E ele permaneceu em Sousa, PB. E uma das formas de manter o vínculo de amizade e de pesquisa foi enviar cartas. Essas cartas são tatuadas imaginariamente por esses lugares que tiver a oportunidade de conhecer e viver com esse velho sábio. Li recentemente em algum lugar, que uma carta é como um raio de luz de uma estrela distante. Sua luz chega até nós e nos ilumina. Nos mostra o caminho na escuridão, mesmo que sua fonte tão distante, e muitas vezes nem exista mais. É uma maneira de estar presente quando se é ausente.

[...] a experiência e a interpretação de uma “outra” realidade circunscrita, mas sim como uma negociação construtiva envolvendo pelo menos dois – e muitas vezes mais – sujeitos conscientes e politicamente significativos. Paradigmas de experiência e interpretação estão dando lugar a paradigmas discursivos de diálogo e polifonia (CLIFFORD, 2014, p. 40).

Dessa forma, o modo de escrita desse relatório toma como base metodológica a concepção etnográfica de James Clifford e George Marcus, em que a etnografia se torna um campo vivo de expressões de múltiplas vozes, onde o controle objetivo de muitos antropólogos escapa. Isso implica reconhecer que o meu campo de pesquisa ou o fenômeno em estudo é o poeta e intelectual da tradição Robson Marques, que está situado em uma cultura, em uma sociedade. Vale salientar que a relação grupo-indivíduo nos estudos da antropologia, pois nas etnografias clássicas as descrições e observações são realizadas em torno de aspectos da cultura, da sociedade, das religiões, das mitologias dos grupos, mas não especificamente de estudos de membros pertencentes a um grupo. Para embasar a minha escolha de investigar o poeta Robson, situando-o numa cultura, tomo a voz de Clifford (2014, p. 47), para quem:

Os etnógrafos têm geralmente evitado atribuir crenças, sentimentos e pensamentos aos indivíduos. Mas não têm hesitado em atribuir estados subjetivos a culturas. A análise de Sperber revela como frases tais como “os nuer pensam..” ou “o senso nuer de tempo” são fundamentalmente diferentes de citações ou traduções do discurso nativo. Tais declarações não têm “nenhum falante específico” e são literalmente equívocas, combinando de forma contínua as afirmações do etnógrafo com as do ou dos informantes.

Nesse sentido, a autoridade etnográfica que construí em relação ao poeta Robson é flexível, pois o mesmo não necessita de tradutor para pensar o mundo e opinar sobre a vida. Ele não é apenas um informante na pesquisa, mas um interlocutor, com quem compartilho compreensões. Se estabelece dessa maneira uma relação de complementaridade entre os saberes científicos, saberes tradicionais e a literatura. Em Robson, pude enxergar o guardião do Vale dos dinossauros (ou melhor um guardião de histórias transmitidas por seu pai e seu avô), também é um poeta e um artista plástico (seus desenhos geométricos falam de um mundo misterioso) que aprendeu a desenhar e a ver a mundo pelas pegadas dos ancestrais dinossauros.

Essas pegadas dos dinossauros que estão presentes em várias partes do Vale dos dinossauros em Sousa são motivo de inspiração e de criatividade para o Velho do Rio, que chega a afirmar que cada pegada conta a história de um novo acontecimento na história da Terra. Ele vive a pintar desenhos diversos, e narra que uma das suas motivações é deixar marcas na história, como os ancestrais dinossauros. Além de permitir imaginar como se comportava a flora, a fauna do ambiente do Vale, chega a dizer que a Natureza é o tipo mais sublime de arte. O guardião, ao falar das pegadas, sempre as associa ao Rio do Peixe. Para ele, o fato do rio viver em constante seca, devido as condições edafoclimáticas do sertão paraibano, possibilitou a emergência desses icnofósseis, que ele chama de tesouro científico. Ainda para ele o Rio do Peixe não deixou de existir, está contido nas pegadas e as pegadas revelam a história desse rio, que

[...] são escritas móveis, água que corre sobre a terra, rasgando-a em meio à mata de madeira como tinta que corre sobre o papel ou pincel que corre sobre a tela, desenhando marcas de sinuosidades e linearidades, deixando a sombra do gesto. Quando percorrem os sulcos, deixam certas marcas e apagam outras tantas (BAITELLO JR., 2018, p. 47).

E por último, mas não menos importante, o Velho do Rio referência Sousa/PB, município do sertão paraibano, antigamente chamado de Jardim do Rio do Peixe, hoje também conhecida mundialmente como a capital dos dinossauros. Ela é a Terra pátria de Robson, e não se limita a extensão territorial, mas alcança o mundo inteiro. Sua percepção é de que Sousa/PB está no mundo e o mundo em Sousa.

Para compreender quem é Robson Marques fui em direção ao espaço geográfico que o torna uma espécie de intelectual, ou pesquisador, esse local é o Vale dos dinossauros, espaço mítico, político, cultural e pético que se desdobra nas narrativas tecidas por esse guardião. Ainda do ponto de vista etnográfico, o modo como eu venho concebendo essa relação de entender Robson como produtor de um conhecimento, pode ser fundamentado pela experiência de Victor Turner e Muchona,

As etnografias de Turner oferecem retratos soberbamente complexos dos símbolos, rituais e crenças ndembu; e ele forneceu também alguns vislumbres incomumente explícitos dos bastidores. [...] Turner oferece um melhor retrato de seu melhor informante. Muchona, um curandeiro ritual, e Turner se unem por meio do interesse compartilhado pelos símbolos tradicionais, as etimologias e os significados esotéricos. Ambos são “intelectuais”, interpretes apaixonados das nuances e profundezas dos costumes; ambos são scholars desenraizados partilhando “a insaciável sede de conhecimento objetivo”. Turner compara Muchona a um professor universitário; seu relato desta colaboração inclui mais do que simples insinuações de que ele é seu “duplo” psicológico (CLIFFORD, 2014, p. 47).

Antes de ir ao Vale dos dinossauros, na noite do dia 20 de abril de 2018, recebi o convite de Robson e de esposa dona Creuza, para visitá-los em sua residência. Me serviram um lanche, doce de leite e queijo de coalho caseiros, coisas que ainda se vê pelo sertão da paraíba. Pude registrar esse momento em uma fotografia.



Nessa imagem pude perceber a relação de complementaridade e de diálogo entre o saber científico e saber não científico, onde a autoridade etnográfica pode ser questionada. Quanto a isso Clifford (2014, p. 51) complementa:

A estratégia de autoridade de “dar voz” ao outro não é plenamente transcendida. Segundo, a própria ideia de autoria plural desafia a profunda identificação ocidental de qualquer organização de texto com a intenção de um único autor. Ainda que essa identificação fosse menos forte do que quando Lafitau escreveu seu *Moeurs des sauvages américains*, e a crítica recente a tenha colocado em questão, ela ainda é uma poderosa imposição sobre a escrita etnográfica. Todavia, há sinais de movimento nessa área. Os antropólogos terão cada vez mais de partilhar seus textos, e por vezes, as folhas de rosto dos livros, com aqueles colaboradores nativos para os quais o termo informante não é mais adequado, se é que algum dia o foi.

Sendo assim, a composição desse artigo seguiu inicialmente um itinerário de apresentar uma justificativa do modo como escolhi estudar esse tema por meio de uma perspectiva antropológica, em que o sujeito e o contexto se plasmam e se conectam num circuito dialógico entre parte e todo. Após isso, apresento uma caracterização do lócus de produção do conhecimento e da vida do poeta Robson Marques: o Monumento Histórico Vale dos Dinossauros.

Chegamos por volta das 08:30h da manhã no famoso Vale dos dinossauros, monumento natural paleontológico no município de Sousa, no Alto Sertão Paraibano. Eu e Geovânia Toscano, professora que me orientou na monografia na minha primeira graduação em interface Serviço Social – Ciências Sociais na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, em Mossoró/RN. A nossa visita ao Vale dos dinossauros foi uma

parada de caráter turístico. Ao entrar no Vale já desejava conhecer, olhar, observar as pegadas dos dinossauros, famosas no mundo inteiro. Mas fui pego de surpresa por uma figura que guiava alunos e professores que visitavam aquele lugar, era um velho de barba grande, com olhar sereno, de alta estatura e com um chapéu sobre a cabeça. Alguns começaram a chamá-lo de Velho do rio, outros de poeta, outros de espiritualista, outros de guardião do Vale. Seu nome é Robson Marques, um velho de 75 anos, nascido em 19 de abril de 1944, que há mais de 40 anos vem contando a história das pegadas de dinossauros, encontradas e estudadas na região do alto sertão paraibano.

Sentei-me naquela roda de contação de histórias, e fiquei a escutar pacientemente aquele homem, que por meio da história das pegadas dos dinossauros acrescentava outras histórias, poesias, crônicas, poemas. A sua maneira de contar histórias era envolvente, reconstruía imaginariamente o cenário de vida, dos ecossistemas que há milhares de anos habitaram no Vale dos dinossauros. Por isso, escolhi compreendê-lo como um narrador, ou melhor um guardião de histórias. Para fundamentar essa concepção numa perspectiva complexa, de situá-lo numa vida de guardião de contextos múltiplos, isto é, “[...] vida de um guardião de histórias é uma combinação de pesquisador, curandeiro, especialista em linguagem simbólica, narrador de histórias, inspirador, interlocutor de Deus e viajante do tempo” (ESTÉS, 1998, p. 10).

Compreender Robson Marques enquanto um guardião de histórias, é concebê-lo como um fenômeno de ordem complexa, “[...] isto é, longe do equilíbrio, dinâmico e em grande parte imprevisíveis, que se caracteriza pela mutabilidade e abertura. Dessa perspectiva, quanto mais dialoga com as várias dimensões mutantes de um fenômeno, mais rigorosa será a interpretação” (ALMEIDA, 2010, p. 33). Esse fenômeno complexo é apreendido e tecido com rigor em outros contextos, narrativas, lugares geográficos físicos e imaginários.

O modo de pensar dele é construído num interior de um movimento de retroalimentação entre todo e partes, percebi isso, quando o escuto afirmar que sua vida e a vida do Vale dos dinossauros são como uma coisa só, mas ao mesmo tempo vejo Robson além do Vale, num movimento de produção de conhecimentos, ideias e experiências que se espalham pelas ruas da cidade de Sousa/PB. É nesse movimento

entre lugares, com trocas, fluxos, que a narrativa foi se delineando, mas não dentro de um lugar fechado, pois,

Minha objeção é que vidas são vividas não dentro de lugares, mas através, em torno, para e de lugares, de e para locais em outros lugares (INGOLD, 2000^a: 229). Eu uso o termo peregrinar para descrever a experiência corporificada deste movimento de perambulação. É como peregrinos, portanto, que os seres humanos habitam a terra (INGOLD, 2007a: 75-84). Mas, do mesmo modo, a existência humana não é fundamentalmente situada, como Christopher Tilley (2004:25) o afirma, mas situante. Ela desdobra-se não em lugares, mas ao longo de caminhos. Prosseguindo ao longo de um caminho, cada habitante deixa uma trilha. Onde habitantes se encontram, trilhas são entrelaçadas, conforme a vida de cada um vincula-se à de outro. Cada entrelaçamento é um nó, e, quanto mais essas linhas vitais estão entrelaçadas, maior é a densidade do nó. Lugares, então, são como nós, e os fios a partir dos quais são atados são linhas de peregrinação. Uma casa, por exemplo, é um lugar onde as linhas de seus residentes estão fortemente atadas. Mas estas linhas não estão contidas dentro da casa tanto quanto fios não estão contidos em um nó. Ao contrário, elas trilham para além dela, apenas para prenderem-se a outras linhas em outros lugares, como os fios em outros nós. Juntos eles formam o que chamei de malha (INGOLD, 2015, p. 220).

Para exemplificar isso, ele costuma escrever contos, crônicas, poesias, poemas, desenhos, depois os organiza em livretos e sai a distribuir pelo Vale, pelas ruas de Sousa, pelo mundo.

Caracterização do vale dos dinossauros

O Vale dos Dinossauros é um sítio geológico e paleontológico localizado na bacia do Rio do Peixe na cidade de Sousa/PB. Seu reconhecimento enquanto monumento natural se deu pelo Decreto nº. 23.832/02, legitimando-o como um bem patrimonial de significativo valor histórico, científico, cultural da cidade sertaneja. Há estudos já desenvolvidos sobre o Vale numa perspectiva de implementar políticas culturais conforme Silva (2009), o que percebemos ser de grande riqueza para a ciência pois denuncia o descaso do poder público e da sociedade na defesa da valorização por meio de práticas preservacionistas do Vale. Entre os dias 20 e 22 de abril de 2018 pude mais vez visitar o Vale dos dinossauros, ao passar pela porteira rústica, acompanhado de um sol que só o sertão pode nos conceder, fui em direção ao Museu paleontológico que fica localizado no setor da administração do Vale. A estrutura administrativa do Vale

dos dinossauros conta com direção e vice-direção, um historiador, um biólogo, um pedagogo e 2 guias de turismo, além dos vigilantes e de Robson que se mantém na estrutura do Vale como um membro fundador, pois foi a partir de seu avô que descobriu os rastros antes considerados de bois e de ema, e depois de estudos arqueológicos validados como pegadas de dinossauros. Essa história atravessou a família do poeta, e o mesmo vem contando durante os quarenta anos do Vale, incansavelmente Robson tinha o apoio do paleontólogo Giuseppe Leonardi, italiano que vez por outra visita a Sousa e a Robson, amigo de luta.

Cheguei no Vale no dia 21 às 08h da manhã, estava determinado a passar toda a manhã, ao me direcionar para a recepção, perguntei por Robson, e o vigilante apontou na direção de uma cabana, lá estava um homem alto, de barba grande, no silêncio, com uma caneta na mão e um caderno. Fui na direção de Robson, e ao me perceber, vem em minha direção e me diz, “há quanto tempo! Eu já esperava a sua visita!” Nessa manhã, fiquei em silêncio a observar o Vale, que em meio a seca do sertão estava com a aparência desbotada, mas viva, além disso, algumas escolas visitaram o Vale nesse dia, e pude ver Robson contando a história das pegadas de dinossauros e recitando de improviso uma poesia. Mas nessa manhã algo me marcou, do ponto de vista etnográfico, Robson reescrevia as poesias. O vale após a saída das crianças, se mantinha em silêncio, onde se podia escutar só o som dos saguis. Deram 12:00h despedi-me de Robson e fui para a pousada ali descansei durante a tarde.



No segundo dia, o dia 22 de abril de 2018, retomei a visita ao Vale dos dinossauros, desta vez fui de moto taxi, no dia anterior fui a pé, para conhecer os 08 km

que dista da cidade de Sousa/PB. Dessa vez, Robson me mostrara as pegadas do Vale, que em período de seca ficam mais visíveis, requerendo um cuidado para não se obstruírem pelos processos de erosão.



Sai do Vale ao meio-dia, comuniquei a Robson do trabalho de transcrição dessa pesquisa, e o mesmo me deu o consentimento de escrever do meu modo as vivências desses três dias.

A viagem, o viajante e o poeta andarilho

Conheci Robson Marques, chamado de “o velho do Rio” na cidade de Sousa/PB, alto sertão paraibano no ano de 2014. Ele é o guardião do Vale dos dinossauros há certa de 40 anos, reserva que protege as pegadas fósseis de dinossauros. Sua vida é marcada pela paleontologia, pela poesia, pelas crônicas e pelas artes plásticas. Possui livros publicados e divulgados pelo sertão paraibano. É militante do Movimento em defesa do Vale dos Dinossauros. É um parceiro das pesquisas do Paleontólogo italiano Giuseppe Leonardi.

E eu pude me dispor a conhecer o Vale dos Dinossauros com a permissão da SUDEMA/PB (Superintendência de Desenvolvimento e Meio Ambiente). As histórias de Robson me encantaram e entravam em comunhão com o meu modo de pensar a vida. Ele sendo cordelista, contista, cronista, artista plástica, poeta tinha a contribuir com saberes para o mundo. Em uma das minhas primeiras viagens percebi a pontualidade do

mesmo. Na última viagem que eu fiz, entre os dias 20 e 22 de abril de 2018, ele me convidou para visitar uma comunidade rural, lugar em que ele cresceu e viveu com os seus pais. Jangada é uma zona rural, localizada as margens do Rio do Peixe, e cercada pelo Vale dos Dinossauros. Robson construiu uma casa para poder escrever com mais paz, assim ele afirma, lá ele pode cultivar o seu modo de vida rural. Na visita quero sublinhar dois acontecimentos: 1) a distância do centro da cidade de Sousa à zona rural Jangada, eram de 8km², isso se fôssemos caminhando. E foi a nossa escolha, saímos bem cedo, umas 6hs da manhã, conheci um pouco da história de Robson, de seu engajamento político no Movimento pelo Vale dos Dinossauros. Sua história se confunde com a do Vale. 2) o que me chamou a atenção é que essa visita me lembrava da minha infância e adolescência no meio rural. Robson me questionava quanto ao conhecimento da fauna e da flora daquela região. A caatinga, a flor de mofumbo, emburana, o xique-xique, a flor do cacto. Soins-Saguis, carcarás, bem-te-vi, rouxinol, beija-flor, raposa e as pegadas dos dinossauros. Foi um dia de conversas sobre a sua vida. Um verdadeiro convite a me declarar como um peregrino nos caminhos do fazer antropológico, pois,

O peregrino está continuamente em movimento. Mais estritamente, ele é o seu movimento. Assim como acontece com o Inuit no exemplo apresentado acima, o peregrino é exemplificado no mundo como uma linha de viagem. É uma linha que avança da ponta conforme ele prossegue, em um processo contínuo de crescimento e desenvolvimento, ou de autorrenovação. Conforme prossegue, no entanto, o peregrino tem que se sustentar, tanto perceptiva quanto materialmente, através de um engajamento ativo com o país que se abre ao longo do seu caminho. Embora de vez em quando ele tenha que fazer uma pausa para descansar, e pode mesmo voltar repetidamente ao mesmo lugar para fazê-lo, cada pausa é um momento de tensão que – como segurar a respiração – se torna cada vez mais intenso e menos sustentável quanto mais tempo dura. Na verdade, o peregrino não tem destino final, pois onde quer que esteja, e enquanto a sua vida perdure, há algum outro lugar aonde pode ir (INGOLD, 2015, p. 221).

O meu primeiro contato com o Velho do Rio aconteceu no ano de 2014. O conheci pelo motivo de ter ido realizar uma visita ao Vale dos Dinossauros. Patrimônio natural do Município de Sousa/PB. Desde 1975, Robson Marques atua como o guardião do Vale dos dinossauros, por mais de 40 anos dedica a sua vida ao Vale dos Dinossauros. Sua história se confunde com a história do Vale.

Meu “querido”, o Vale dos Dinossauros não é meu, não é seu, aliás, não é de ninguém, porém, é de Sousa (município sede) é da Paraíba, é do Brasil, enfim, é do Mundo inteiro; mas ninguém mesmo, modéstia parte, pode deixar de reconhecer, de provar que eu e Giuseppe Leonardi salvamos, derramamos suor, lágrimas e sangue, com muita honra e dignidade... O VALE DOS DINOSSAUROS é daqueles que queiram com honestidade e dedicação defende-lo, amá-lo ou trabalhar honestamente para vê-lo como o grande paleontólogo Giuseppe Leonardi relatou: “O mais importante sítio arqueológico do Mundo!” (MARQUES, 2012, p. 32).

Mas quem é Robson afinal? Ele é apenas um velho trovador. Desde 2014, que o conheci, temos construído uma relação de amizade. Ele tem se tornado dia após dia um mestre para mim. Aos 74 anos de idade, nascido aos 19 de abril de 1944, em Alexandria/RN, é Potiguar de nascimento e paraibano de coração. Ele é poeta, contista, cronista. Pesquisador da fauna e flora, estudioso da Paleontologia e Arqueologia Sertaneja. E tornou-se um símbolo do Monumento Natural Vale dos dinossauros. É autodidata, ama escrever e ler. É um escritor exímio de poesias. Publicou vários livros e folhetos de cordel, sendo premiado em vários concursos literários da região, atualmente seus escritos são divulgados pelo próprio autor para turistas de todo mundo.

Para ele, a natureza é a sua fonte de criação. É da sua experiência de proximidade com a natureza que emergem as poesias, os poemas, as crônicas, as pinturas. O pensamento de Robson vai se delineando pela dimensão poética, seu método de escrita é permeado de criatividade e de surpresas. Gosta de afirmar que é “preciso ousar com obediência”. É autodidata, e registra os acontecimentos diários do Vale dos dinossauros. Ele costuma afirmar que não pode faltar papel onde estiver, pois as ideias são mensageiras de sentidos que se não anotados, são perdidos.

Em alguns dos nossos diálogos Robson me comunicou que havia feito a leitura do livro “Grandes Sertões Veredas” de Guimarães Rosa por duas vezes me estimulou a reler essa obra, pois para ele a literatura tem muito a dizer sobre o homem e o mundo. O “velho do Rio” olhava com simplicidade e falava-nos da seca no sertão paraibano, defendendo-a como um problema político. Ele destacou dois trechos do livro “Grandes Sertões Veredas: “Conto ao senhor é o que eu sei e que o senhor não sabe; mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba. (...). Não gosto de me esquecer de coisa nenhuma. Esquecer, para mim, é quase igual a perder dinheiro” (ROSA, 2015, p.15). Ele nos orientou a pensar que essa literatura nos transporta para a

seca no sertão paraibano. Em um dos meus diários havia registrado uma afirmação do velho, “a literatura pode ajudar vocês na Universidade a entender de política”.

Quando questionado sobre o seu método de escrever as suas poesias. Ele conta que o seu ato de criar é imaginário, e que muitas vezes não sabe como explicar as suas criações, mas cria. Em um dos meus diários Robson fala de seu método estratégico para criar as poesias, crônicas, pinturas. “Eu vou seguindo o desejo de escrever, no início não me importo com a cara que vai ter, depois leio e releio. Não escrevo para ninguém. Se alguém lê o que eu escrevo, disso não sou culpado. Mas, quando me sinto incomodado por um fato de injustiça, escrevo poesias, poemas e crônicas. Envio à rádio da cidade, e quem quiser se identificar que se identifique, mas o recado foi dado. Eu não sou cientista, não preciso provar nada, sou um velho trovador. Tarado por poesia. Uma das poesias que mais me marcou é “velha carcaça de boi”. Certo dia passei em frente a cabeça de um boi morto e aquilo não saiu da mente, escrevi naquele momento algumas estrofes e depois de alguns acrescentei as últimas estrofes. Você chama isso de método, eu chamo de invenção”.

A seguir a poesia “velha Carcaça de boi”, um exemplo de estratégia de método criada pelo “Velho do Rio”.

“Velha Carcaça de boi”

Velha carcaça de boi
Que no passado já foi
De um boi de estimação.
Hoje, és apenas carcaça
Vives achando graça
Na mais triste solidão!

Quando o vento sopra brando
Tu pareces chorando
Dentro do atar soledade
Tu, carcaça, até pareces
Rezar uma santa prece
No rosário da saudade.

O teu dono te esqueceu
Por certo que já morreu
E te deixou aí, carcaça
Para cumprires o teu fado
Sobre o chão crestado
Tu vives achando graça...

Já correste em vaquejada
Quando era madrugada
E as flores se abriam
Tu corrias pelos campos
E à noite os pirilampos
Umaz preces te faziam...

Hoje, estás abandonada
Olhas o céu deslumbrante
E vês distante, distante
Os campos que foram teus...

Se nesta lânguida hora
Nesta triste aurora
Um vaqueiro te visse aqui
Dar-te-ia a alma
Num abaixo a ti!

Dos olhos lânguidos do vaqueiro
Honrado, bravo, ordeiro
Cairiam lágrimas geladas
Lembrando com devoção
As festas de apartação
E as tardes de vaquejadas.

Boi velho amigo
O chão é o teu último abrigo
É o teu último horto
O teu dono te esqueceu
Por certo que já morreu
E tu estás aí morto!

Feliz és tu, velho boi
Que no passado já foi
De um boi de estimação
Um dia hás de renascer
E pelos campos correr
Noutras festas de apartação!

Considerações inacabadas

Aprendi uma coisa com as leituras do James Clifford e do George Marcus, que a escrita etnográfica se constitui de conhecimentos e verdades parciais, e o que observei é que ao pesquisar esse tema, e ao escrever essa etnografia há uma “ [...] interação sutil entre componentes pessoais e disciplinares na pesquisa etnográfica” (CLIFFORD, 2014, p. 54). Além disso, esse relatório de campo me possibilitou o exercício de etnografar é um exercício que incorpora a reflexão, não bastando somente a descrição do ambiente e dos sujeitos. Logo, isso é reforçado por Clifford (2016, p. 47):

Um subgênero da escrita etnográfica surgiu: o “relato de campo” autorreflexivo. Às vezes sofisticados, às vezes ingênuos, ora confessionais, ora analíticos, esses criam um fórum importante de debates sobre uma ampla gama de temas epistemológicos, existenciais e políticos. O discurso do analista cultural não pode mais ser, simplesmente, o discurso do “observador” experiente, descrevendo e interpretando costumes. Os ideais da experiência etnográfica e da observação participante passam a ser vistos como problemáticos. Novas estratégias textuais são experimentadas. Por exemplo, a primeira pessoa do singular (nunca banida das etnografias, sempre pessoais de forma estilizada) passa a ser empregada de acordo com novas convenções. Com o “relato de campo”, a retórica da objetividade experienciada cede lugar à autobiografia e ao autorretrato irônico.

A partir desse princípio de implicação do sujeito no conhecimento, o exercício de observação pois em contato uma leitura do ambiente, no caso o Vale dos dinossauros, e uma relação de interlocução entre o observador e observado que também observa. De maneira complementar, Ingold (2015, p. 283) descreve como o olhar viaja pelas paisagens: “Claramente, tanto o desbravamento de caminhos quanto as viagens guiadas implicam o exercício da visão. Conforme prosseguem em seu caminho, tanto o desbravador quanto o viajante devem andar com atenção e olhar para onde estão indo, o primeiro para fazer a trilha, o último para não tropeçar enquanto monitora as características do terreno conforme aparecem”.

Referências

- ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010 e 2017.
- BAITELLO JR, Norval. **A carta, o abismo, o beijo** – os ambientes de imagens entre o artístico e o mediático. São Paulo: Paulus, 2018.
- BARROS, Manoel de. **Livro de Pré-coisas**: roteiro para uma excursão poética no Pantanal. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.
- CLIFFORD, James; MARCUS, George (Orgs). **A escrita da cultura**: poética e política da etnografia. Rio de Janeiro: Eduerj, 2016.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **O Dom da História** – uma fábula sobre o que é suficiente. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis/RN: Vozes, 2015.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. 12 ed. São Paulo: Papyrus, 2012b.
- LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MARQUES, Robson. **O Velho do Rio – História dos dinossauros.** Sousa/PB, 2010.

MARQUES, Robson. **Alice no País dos Dinossauros,** Sousa/PB, 2012

MARQUES, Robson. **Catando orvalho no assoalho de Sousa.** Sousa/PB, 2014.

MARQUES, Robson. **O velho e os Urubus e as duas meninas com amor.** Sousa/PB, 2006.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos.** Tradução de Jesus Raniere. São Paulo: Boitempo, 2010.

MORIN, Edgar; CASSÉ, Michel. **Filhos do Céu – entre vazio, luz e matéria.** Tradução Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MORIN, Edgar. **Para um pensamento do Sul.** São Paulo: Sesc, 2010a.

MORIN, Edgar. **Rumo ao Abismo?** – Ensaio sobre o destino da humanidade. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011 d.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando 02** – roda de conversa com educadores-sobrevivências, piolhos e afetos. São Paulo: Uk'a Editorial, 2017.